

A SIMBÓLICA PRESENÇA DAS SINETAS NOS EMBATES ENTRE TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO E GOVERNOS (RIO GRANDE DO SUL, 1985 - 1991)

THE SYMBOLIC PRESENCE OF THE BELLS IN THE CLASHES BETWEEN EDUCATION WORKERS AND GOVERNMENTS (RIO GRANDE DO SUL, 1985 - 1991)

Mauro Luiz Barbosa Marques¹

RESUMO

O artigo proposto pretende analisar o uso das sinetas como símbolo de luta dos professores - mais tarde também os funcionários de escola - no Rio Grande do Sul, durante as mobilizações grevistas ocorridas no recorte temporal sugerido. Tal período foi marcado por importantes mobilizações no país e não foi diferente para os educadores sulistas. O objetivo deste texto é problematizar teoricamente o uso de recursos simbólicos no repertório mobilizador de setores da classe trabalhadora e ao mesmo tempo observar o reflexo dos mesmos na imprensa regional.

Palavras-chave: Movimentos docentes. Sinetas. Simbologia dos trabalhadores. CPERS.

ABSTRACT

The proposed article intends to analyze the use of the bells as a symbol of teachers' struggle - later also school's employees - at Rio Grande do Sul, during the striking mobilizations that occurred in the suggested temporal clipping. This period was marked by important mobilizations in the country and it was not different for southern educators. The objective of this text is theoretically problematize the use of symbolic resources in the mobilizing repertoire of sectors of the working class and at the same time observe their reflection in the regional press.

Key-words: Teaching movements. Bells. Symbolology of workers. CPERS.

Introdução

No Rio Grande do Sul, a partir de 1979, ocorreram greves docentes praticamente anuais, além de inúmeras formas de luta e protestos generalizados. Tal contexto era partilhado por movimentos sindicais e populares espalhados por todo o país, a partir do ocaso do período autoritário civil-militar aqui instalado após 1964. A partir do ano de 1985, especialmente refletindo um ambiente de maior liberdade sindical e de ação, houve a ampliação expressiva das lutas e reivindicações nas ruas e, com isso, o uso de símbolos diversos.

As sinetas, como um dos mais destacados símbolos dos movimentos docentes, surgiram na greve daquele ano - a qual durou sessenta dias - durante as vigílias em frente ao

¹ Doutor em História, professor no IFPE- Campus Belo Jardim. Contatos: mauro.238@hotmail.com.

Palácio Piratini, sede do Executivo estadual. Junto a bumbos e outros recursos davam a tônica do espetáculo mobilizatório.

O som das sinetas, em especial, passou assim a marcar as ações públicas dos educadores gaúchos. Neste texto é desejado aprofundar a experiência com o simbólico contido nestes objetos sonoros, os quais seriam colocados como principal ícone das mobilizações, presentes em hinos e bandeiras, praticamente acompanhando permanentemente as ações sindicais e até mesmo o logotipo da entidade sindical principal dos educadores, o CPERS/Sindicato.²

Para tal objetivo se faz mister discutir aportes teóricos sobre a simbologia e o uso de tradições nos movimentos organizados dos trabalhadores e fontes primárias jornalísticas da época (Zero Hora e Correio do Povo), além de fontes do movimento sindical como atas e materiais de divulgação próprios. Pretende-se analisar charges e reportagens nos jornais de circulação estadual que cobriram os movimentos grevistas do período em recorte.

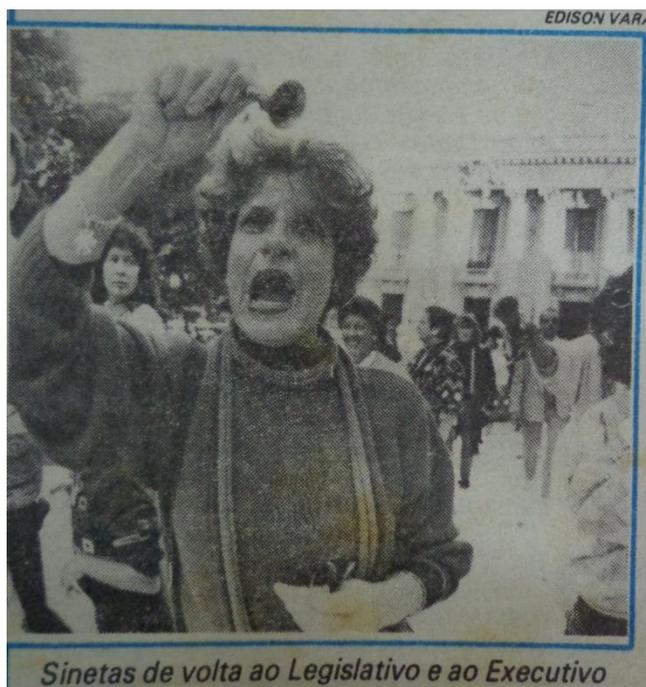
Assim, será possível relacionar o uso de símbolos do movimento docente no Rio Grande do Sul com outras experiências assim como destacar o referencial teórico do tema. Ao mesmo tempo, ao se analisar o fenômeno da chamada *mística* no movimento docente no período histórico proposto, será possível debater a importância de tais rituais na história do movimento dos trabalhadores e as origens de tais tradições.

O uso das sinetas nas lutas docentes

Na greve docente de 1985, as ações públicas chegavam a reunir centenas de pessoas por dia e incomodaram muita gente ligada ao poder naquele período. “No início deste movimento, alto funcionário do Palácio chegou a solicitar ao CPERS que as professoras silenciassem suas sinetas”, chegou a noticiar reportagem da época (Zero Hora, 21/6/85, p. 27). As sinetas já apareciam aí citadas participando dos protestos em junho daquele ano. Apesar dos reclames, elas seguiriam sendo usadas, junto às reclamações dos alvos dos protestos, os quais diziam não conseguir trabalhar com o barulho destas, especialmente quando acompanhavam as tensas reuniões entre representantes do governo e comandos de greve em frente ao Palácio Piratini, “em vigília, cantando, tocando sinetas e, no final, como já era escuro, acendendo tochas e velas” (Zero Hora, 12/6/85, p. 29).

² O CPERS foi fundado em 21 de abril de 1945, inicialmente como uma associação com a sigla CPPE (Centro dos Professores Primários do Estado). Nos anos 1970, passou a agregar os professores de todos os níveis, não apenas os professores primários e aí surge a denominação CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul). Oficialmente, em 8 de dezembro de 1989 torna-se CPERS/Sindicato (Pacheco, 1993).

Figura 1: Professora em greve e sua sineta



Fonte: Correio do Povo, 25/5/90, capa.

Originalmente, os pequenos sinos barulhentos eram utilizados para marcar o início, intervalo e término das aulas e utilizados na ausência do sinal ou apito eletrônico. Passam a partir desta apropriação coletiva a representar protesto e indignação nas ações de rua dos educadores e marcariam a presença na bronca por melhores condições de trabalho, como demonstrado na foto acima (figura 1). Tal uso não se resumiria ao ano de 1985 e se consolidaria como mística central nas atividades sindicais docentes, como recorda um balanço das lutas publicado em 1989 pelo CPERS recordando os dez anos de greve e mobilizações:

Muitas etapas foram galgadas, mas o processo não se esgota aqui, por isso precisamos de muito fôlego, de união, de persistência, de organização e, acima de tudo mobilização. Nós não só fazemos parte da história, como também contribuimos para o seu rumo, neste sentido o som das sinetas nunca vai parar e, tampouco a nossa determinação de contribuir na construção da democracia ³

Nesta avaliação escrita quase duas décadas atrás, as sinetas não se calariam e, de fato, isso ainda não foi observado. O som coletivo do chamado “sinetaço” se tornou característico das lutas e manifestos a partir de 1985, sem cessar (Dresch, 1994, p. 29). Outros costumes mobilizatórios como canções, *slogans*, poemas, hinos, gestos, indumentárias etc. tem sido considerados por pesquisadores deste tema como a denominada mística dos movimentos sociais (Gohn, 2012, p. 33). Tais místicas ou rituais aparecem de forma

³ Editorial do jornal Magister n° 107: junho/julho de 1989 (periódico da entidade sindical).

transversal em distintas categorias e coletividades de trabalhadores (as) e de seus movimentos organizados. Geralmente pode-se perceber semelhança com atitudes tradicionais ou do próprio ofício do trabalhador, como no caso das sinetas. Segundo Hobsbawm:

(...) poderíamos esperar que os movimentos operários, na medida em que provenham ou deem continuidade a processos de trabalho antigos e adotados há muito tempo – como na construção e na tipografia - absorvam muito dos rituais formais ou informais a eles associados. Alguns destes rituais não têm nenhuma afinidade especial com os movimentos operários, por exemplo, as inumeráveis “multas” e “pedágios” na oficina que – para tristeza dos defensores da abstinência alcoólica do século XIX – eram acompanhados de um trago coletivo, ou até mesmo de diversos (2008, p. 102-103).

Segundo o autor, tais práticas rituais se aproximam do que ele define como “proto-sindicalismo”, situação na qual os personagens centrais na formação do movimento operário “eram, em grande medida, trabalhadores em ofícios especializados, educados e socializados na tradição do ofício e, neste sentido, estas tradições ajudaram a moldar as do trabalhismo moderno” (*idem*, p. 103). Por analogia, guardando a importante distância entre os docentes e os trabalhadores das fábricas, os rituais do dia a dia do trabalho dos professores foram incorporados à simbologia das lutas, como no caso das sinetas. Ainda sobre o tema, Batalha explica que

A apropriação de locais públicos como espaço da política implica também a observância de certos procedimentos. A manifestação é um teatro político, que faz uso do espaço como seu palco. Essa teatralização vai desde a escolha do local, que pode ter maior ou menor peso simbólico, passando pela forma assumida pela manifestação (*meeting*, cortejo, etc.), pelo grau de ritualização de seus procedimentos (na ordem do cortejo, na apresentação dos estandartes, na forma e no momento de pronunciar discursos), para chegar até a indumentária dos participantes (2009, p. 257).

Para assumir este novo patamar de mística oficial, as sinetas tiveram seu papel alterado, pois, em geral, “os objetos e práticas só são liberados para uma plena utilização simbólica e ritual quando se liberam do uso prático” (Hobsbawm & Ranger, 1984, p. 12). Desta forma, na ausência do sinal eletrônico moderno, controlavam o tempo e a mudança dos períodos nos turnos escolares, mas passaram a representar a presença dos trabalhadores daqueles locais, nas concentrações e eventos mobilizatórios. Assim colaboravam, de certa forma, como uma espécie de “cimento de coesão grupal” (*idem*, p. 21).

Tal invenção se caracteriza por um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas”. A repetição de tal cerimonial identitário acaba implicando numa continuidade em relação ao passado comum daquele grupo específico (*idem*, p. 9). Apesar das alterações das pautas sindicais em cada ano, em função do contexto e

das necessidades, o estilo de apresentação e a demonstração da força daquele grupo reivindicativo seguia o ritual oficializado, mesmo que também variasse a quantidade do ativismo docente presente em determinado protesto.

Figura 2: Protesto coletivo com sinetas



Fonte: Zero Hora, 14/7/85, p. 38.

Outro aspecto a ser destacado é que tal simbologia não se resumiria às greves, podendo ser percebido em qualquer tipo de atividade militante que contasse com a presença dos educadores. Mais importante que o controle da separação dos períodos de aula, agora era o momento de ser visto e demonstrar sua presença, para muitos, incômoda e estridente. Assim se deu o renascimento do papel das sinetas.

As sinetas e os governadores

Do ponto de vista institucional, a imagem das sinetas tornou-se em 1986, após deliberação da direção do CPERS, logotipo oficial da entidade, das bandeiras e de panfletos relacionados às lutas dos trabalhadores em educação. Assim foi ampliada a dimensão e importância simbólica do objeto originalmente destinado a organizar a vida escolar.⁴ Tal símbolo foi amplamente reconhecido, mesmo pelos adversários do movimento dos educadores e, desta forma, as sinetas estiveram presentes nas massivas e, geralmente, longas greves do período aqui analisado. Entre 1985 e 1991 ocorreram no Rio Grande do Sul seis greves – exceto no ano 1986 - marcando os embates entre a coletividade dos educadores e os três governos do período.

⁴ Conforme registrado na ata da diretoria do CPERS nº 65/86.

Jair Soares (PDS-PFL) governou o estado entre 1983 e 1987; Pedro Simon e Sinval Guazzelli (PMDB) entre 1987 e 1991 ⁵ e Alceu Collares (PDT) entre 1991 e 1994. Não cabe no limite deste espaço uma análise exaustiva de cada governo, mas cada um deles enfrentou a sonoridade dos sinos docentes durante as greves que enfrentaram. Em julho de 1985, por exemplo, Jair Soares incluiu entre os itens de um acordo, quase ao final da greve, uma exigência para que cessasse a ação das sinetas em frente ao Palácio Piratini.

Naquela semana, novos contatos foram feitos para retomar a negociação e o silêncio na praça foi respeitado, mas cerca de 500 professores aguardaram em vigília as negociações entre grevistas e governo até perto da meia noite: estavam impedidos de usar sinetas e fazer barulhos, mas cartazes traziam tais símbolos representados (*Zero Hora*, 5/7/85, p. 35). Este exemplo demonstra como a ação sonora dos pequenos sinos assustava os governantes, o que também foi registrado em charges da época.

Figura 3: Jair Soares é acordado pelo som do sino da catedral



Fonte: Zero Hora, 30/6/85, p. 2

Na figura 3, o sono do governador é perturbado pelo sino da Catedral (fica ao lado do Palácio Piratini). Fica explícito, ironicamente, que o susto de Soares se refere ao som semelhante às sinetas, que ecoaram por cerca de sessenta dias na greve docente em 1985.

O governo seguinte, Simon-Guazzelli, enfrentou cinco greves em quatro anos, o que demonstrou as dificuldades em tratar dos temas educacionais com a coletividade docente

⁵ Pedro Simon renunciou ao cargo de governador em 1990 visando concorrer à vaga no Senado, assumindo seu vice Sinval Guazzelli.

naquele período. As sinetas e Simon tiveram uma relação aprofundada em inúmeras charges da época.

Figura 4: Governador Simon e professora em confronto



Fonte: Correio do Povo, 1/7/87, p. 5

Na charge retratada na figura 4, já na fase final da greve de 1987, o governador usa da força simbolizada pelo tacape ao ombro. A professora, colocada no mesmo tamanho do chefe do Executivo, utiliza uma imensa sineta em sua mão, representando defesa contra a arma de Simon e, ao mesmo tempo, uma forma de ofensiva.

Naquele ano ocorreu a mais longa greve dos docentes gaúchos até a atualidade. Iniciada em 10 de abril duraria até 14 de julho, somando cerca de 96 dias de paralisação. O registro na imprensa da decisão sobre o início da mesma já incluía as sinetas como personagem presente. Como sugeriu Zero Hora, decidida a greve e encerrada a assembleia decisória, uma passeata percorreu as ruas até o Palácio Piratini, complicando o fluxo do trânsito e fazendo muito barulho e agito nas imediações da sede do Executivo até por volta das 20 horas, quando houve dispersão. Concluída a ação daquele dia, a reportagem afirmou que “eles prometem estar de volta para bater ponto em frente ao Piratini e tirar o governador da cama com as suas sinetas” (11/4/87, p. 28).

Figura 5: Docente prepara sua mala repleta de sinetas



Fonte: Zero Hora, 3/7/87, p. 6

Tal greve, tão longa, chegou ao mês de julho, das tradicionais férias escolares, que deram lugar à greve e a manifestações diversas, com forte presença docente, como representa a charge da figura 5. Ali, junto ao chimarrão que ajudaria no frio invernal sulista, a mala está cheia de sinetas que se combinam ao aviso das crianças: mamãe estava indo à luta no mês das férias.

Chama a atenção a expressão indignada do rosto da personagem central da figura, num contexto de acirramento dos ânimos entre as partes do conflito. Em 1987 também ocorreu um acampamento em frente ao Palácio Piratini com grande destaque e importância central na longa duração daquele movimento. Não escapando das lentes dos chargistas, a relação entre tal acampamento mobilizatório e as sinetas não poderia deixar de aparecer, como se vê na figura 6.

Figura 6: Acampamento grevista é montado na Praça da Matriz



Fonte: Zero Hora, 27/5/87, p. 2

Ali, enquanto o acampamento era montado por professoras atarefadas e organizadas, o símbolo maior da luta docente se destacava em forma de monumento com centralidade e grandeza. Vale destacar que tal estrutura não foi construída no acampamento real, o qual teve seu dia a dia descrito em várias reportagens na imprensa, como ao final do mês de junho, quando a sensibilidade do repórter descreveu a atmosfera daquele ambiente:

Os apitos, sinetas e os tambores que haviam cessado as 18 h, como ocorre diariamente, voltaram a funcionar por alguns minutos, enquanto os professores gritavam em coro “não tem história, é greve até a vitória”. Depois o silêncio voltou à praça (Correio do Povo, 30/6/87, capa).

A longa greve de 1987 teve seu fim não sem antes marcar os ouvidos do governador da ocasião com o som das sinetas, politicamente insuportável, afinal sinalizava que algo não ia bem na educação estadual, como sugere a charge na figura 7. A expressão cansada e desiludida de Simon aparentemente contrasta com a energia do som que atravessa a janela do seu local de descanso, impondo dificuldades ao sono tranquilo. A aula que estaria tendo diz respeito, em hipótese de interpretação, às formas de tratar os educadores sob sua responsabilidade.

Figura 7: Simon ouve as sinetas na janela de seu quarto

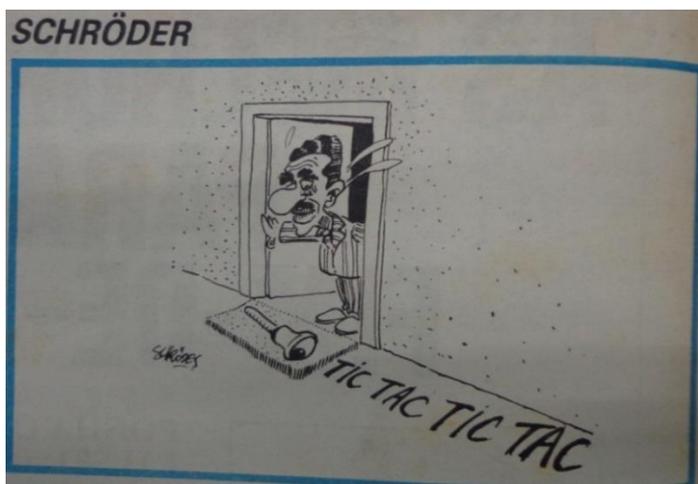


Fonte: *Correio do Povo*, 3/7/87, p. 4

Logo no ano seguinte, novamente as sinetas foram destacadas durante a rápida greve docente daquele ano, desta vez com duração ao redor de uma semana, mas que permitiu aos criativos chargistas lembrarem ao seu público sobre a ameaça simbólica advinda das sinetas aos governantes, como sugere a figura 8.

Ali, um barulho semelhante a uma bomba-relógio prestes a explodir é percebido no tapete vindo de uma sineta colocada na frente da casa do governador. Ao abrir a porta, Simon demonstra-se surpreso e angustiado ao ver a sineta em 'tic-tac', prestes a explodir, ou, metaforicamente, a ameaçar sua gestão. Há um evidente vínculo do objeto a sua força simbólica explosiva.

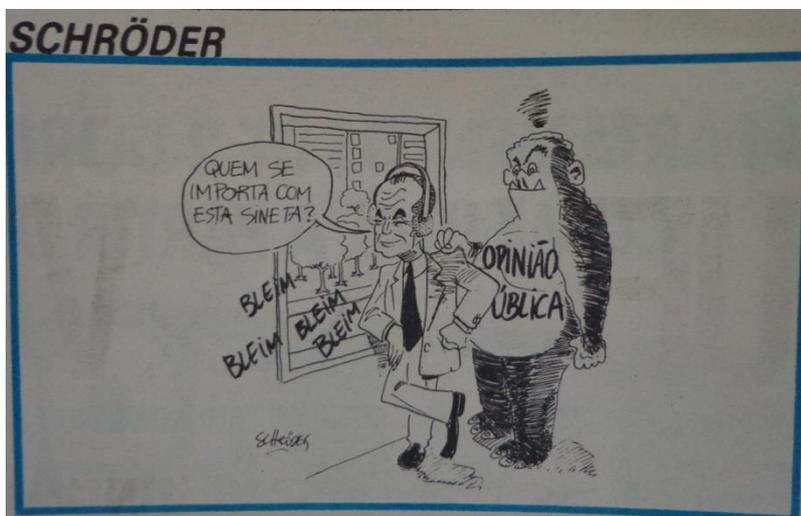
Figura 8: Simon recebe uma sineta em forma de bomba na porta de casa



Fonte: *Correio do Povo*, 21/10/88, p. 4

Synval Guazzelli também não esteve imune às ácidas charges, depois de anos de greves e desencontros com os educadores. Neste caso, na figura 9, é destacada a questão da opinião pública sobre as frequente mobilizações dos educadores.

Figura 9: Guazzelli entre o som das sinetas e a representação da opinião pública



Fonte: Correio do Povo, 2/6/90, p. 4

Na charge acima, a opinião pública é representada com uma expressão de poucos amigos, enquanto o governador de fim de governo, após a saída de Simon para disputa do Senado da República, parecia não se importar com o barulho vindo da Praça. Usando fones de ouvido, Guazzelli tenta ignorar as sinetas. A intenção do chargista sugere, aparentemente, que a ação sonora dos educadores tinha impacto na sociedade e influenciava as opiniões de muita gente.

Na greve de 1990, a qual durou pouco menos de dois meses se prolongou em função das dificuldades na mesa de negociações com o Executivo. As sinetas seguiam seu protagonismo na mobilização desenvolvida no 17º dia de greve, como registrou Zero Hora utilizando aspectos de retrospectiva de greves anteriores sobre este objeto simbólico:

A técnica do sinetaço já foi usada inúmeras vezes pelo magistério. Esse tipo de manifestação começou em 1985, durante uma greve. Ali se organizaram sinetaço em rodízio, um dia para cada grupo de escolas. Em 1987, durante o acampamento que os professores fizeram na praça da Matriz durante mais de um mês, as sinetas também badalaram o dia todo. Naquela época o hoje governador Synval Guazzelli era o negociador do Governo com o magistério, e teve que ouvir muita sineta. Ontem o governador ouviu sinetas de diversos tamanhos – tinha até um bebê com uma sinetinha bem pequena – e também pratos de banda e apitos. Agora, o magistério ameaça badalar suas sinetas diariamente caso as negociações não avancem (25/5/90, p. 36).

As sinetas de diversos tamanhos e na mão de muitos personagens chegariam em 1991 para saudar o novo governador Alceu Collares, eleito pelo PDT. Foi o único a assumir já com uma greve em andamento desde antes de sua posse, agendada para a metade do mês de março daquele ano. Mais de 70 dias marcaram uma parede com um enfrentamento inédito, sob várias perspectivas: o governador chegou a decretar férias escolares durante o movimento, entre outras ações, como o corte de 19 dias de pagamento, também outrora nunca efetuado definitivamente.

Figura 10: Pouco depois da posse, Collares já enfrentava o som das sinetas



Fonte: Zero Hora, 19/3/1991, p. 2

A figura 10, charge desenhada poucos dias após a posse do novo governador, representa o sono perturbado mais uma vez de um líder do Executivo ante o som das sinetas dos educadores. Uma curiosa situação ali retratada é que a Secretária da Educação era casada com o governador, a senhora Neuza Canabarro, a qual teve forte influência nas decisões de governo em sua pasta. Ainda, na mesma imagem, Collares sugere que sua esposa deveria resolver os problemas advindos do barulho, mas o alvo era o governo trabalhista o qual ele liderava.

Figura 11: Collares ouve das professoras o som da bronca grevista



Fonte: Correio do Povo, 23/4/91, p. 4

Na figura 11, por sua vez, as professoras assumem o papel de castigadoras do governador eleito com um discurso bastante favorável à educação, mas que logo se demonstrou avesso à mobilização crítica da coletividade de educadores. As sinetas seguiam, assim, implacáveis com seu som censurante aos governantes e suas dificuldades na gestão da educação pública.

Considerações finais

*“(…) o ruído dos sinos (ou das sinetas) tem, universalmente,
um poder de exorcismo e de purificação.
Ele afasta as influências malignas ou, pelo menos, adverte da sua aproximação”.*

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro: José Olympio, p. 835.

A tradição das sinetas, mantidas até a atualidade, foi inventada na greve de 1985, período de abertura política no contexto nacional, mas também de piora nas condições de vida dos educadores, como de tantos outros grupos de trabalhadores. As ações de mobilização da época inscreveram este símbolo retirado do cotidiano de trabalho para a ação reivindicativa pública, fato coincidente em outras tradições simbólicas como foices, facas, instrumentos de construção civil, etc.

A deterioração das condições de vida da coletividade docente somada ao contexto de maior liberdade política e perspectiva de alguma vitória sindical empurraram milhares para ações efetivamente de conflito e reivindicação, algo desconhecido no passado sacerdotal dos professores e professoras. Por isso, entre tantos outros fatores, tocaram as sinetas. Com suas variadas formas e tamanhos sinalizaram a bronca dos educadores com os rumos das coisas. Passados tantos anos, depois de se tornarem, possivelmente, o símbolo mais expressivo da luta sindical no espaço sul rio-grandense, ainda parecem distantes de um silenciamento e assustam a todos os ocupantes do Palácio Piratini.

REFERÊNCIAS

a) Livros, artigos e dissertações.

BATALHA, Cláudio H. M. A Geografia Associativa. Associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da Primeira República. In AZEVEDO, Elcinete; CANO, Jefferson et al. **Trabalhadores na cidade**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

BOITO JR., Armando [et al.] **O sindicalismo brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

BULHÕES, Maria da Graça & ABREU, Mariza. **A luta dos professores gaúchos – 1979/1991. O difícil aprendizado da democracia.** Porto Alegre: Editora L&PM, 1992.

CPERS. **CPERS Sindicato – 50 anos – compromisso com a cidadania plena.** Porto Alegre: Editora Tchê, 1995.

DRESCH, Márcia. **O discurso do CPERS Sindicato: uma abordagem discursiva.** Dissertação (Instituto de Letras e Artes), PUCRS, Porto Alegre, 1994.

DUQUE, Luís Guilherme Ritta. **Hei de vencer, mesmo sendo professor: o CPERS e o magistério público estadual do RGS, 1972-1979.** Dissertação (PPG História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

FISHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente.** Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GUIMARÃES, Raymundo Ferreira. Agravamento da crise financeira do Estado do Rio Grande do Sul no período de 1979 a 1985 e suas consequências atuais. In **Indicadores Econômicos FEE – Revista eletrônica.** Porto Alegre: Volume 34, nº 4, 2007.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984.

_____. **Mundos do Trabalho. Novos estudos sobre História Operária.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

HORN, Carlos Henrique & CALAZANS, Roberto Balau. Por que os sinos dobram? Conflito trabalhista e salários do magistério público do Rio Grande do Sul, 1974-1991. In **Análise Econômica.** Porto Alegre: ano 10, nº 18, 1992.

NORONHA, Eduardo Garuti. **Greves na transição brasileira.** Dissertação (IFCH – Depto Ciência Política) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In **Revista Teoria & Educação.** Porto Alegre: Editora Pannonica, nº 4, 1991.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Sindicato e projeto pedagógico. A organização e as lutas dos professores públicos estaduais do Rio Grande do Sul, de 1945 a 1991.** Dissertação (PPG História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

VICENTINI, Paula P. & LUGLI, Rosário G. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa.** São Paulo: Editora Cortez, 2009.

b) Periódicos.

Edições do **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre: junho de 1985; julho de 1985; abril de 1987; maio de 1987; julho de 1987; maio de 1990; março de 1991.

Edições do **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre: junho de 1987; julho de 1987; outubro de 1988; maio de 1990; junho de 1990; abril de 1991.

Edição do **Jornal Magister**, Porto Alegre: junho/julho de 1989.